OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á ntrega
Portugal (franco de porte) m. forte	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXII Volume — N.º 1081

10 de Janeiro de 1909

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

MOSTEIRO DE MAFRA — VISTA INTERIOR DA EGREJA

(De fotografia)

Chronica Occidental

Deitemos um volver d'olhos, de consolo e de tristeza, por esse anno extincto, e façamos um voto fervoroso de prece por este novo anno, para o resgate de quantos erros e quantas maculas nos afrontam e para uma afirmação maior dos nossos progressos e do nosso prestigio, no convivio das nações cultas do mundo.

Passou o tempo dos profetas de longas barbas de neve e dos magicos adivinhos, que fingiam ler nas estrellas os destinos dos homens e das nações.

O futuro dos povos formula se com um problema que as circunstancias podem modificar, mas só os homens teem de resolver. Foram para a archeologia dos embustes romanescos e das prosapias devaneadoras as estrellas de propicio ou de funesto agouro e enrudilharam-se na farrapagem das bobices humanas as tunicas brancas das sybillas e as barbaças de estôpa dos astrologos.

Tudo hoje se calcula e reduz a formulas positivas e no problema do futuro dos povos, complexo, enorme, estonteador, entram leis e elementos de todas as siencias experimentaes e de todas as observações registadas nas estatisticas dos seus adiantamentos ou das suas deficiencias, em todas as manifestações que constituem a civilisação e o poder moral e material dos povos.

Vejamos sucintamente o que para nós houve de util e honroso ou de opressivo e desconsolador no anno que findou. E pela sinthese da situação em que ficamos, dos erros e dos esmorecimentos, das cousas proficuas que passam para este novo anno, não será difficil a estimativa do engrandecimento material e moral que será possivel alcançar-se e, menos ainda, a previsão dos perigos capitaes que podem afrontar a honra do paiz, retardar-lhe os progressos, comprometer-lhe o objectivo historico de potencia colonial, arrastal-o na levada dos desvarios para uma derrocada sem remedio.

Não seria justo dizer-se que foi absolutamente esteril e funesto o anno que acabou, nem para os progressos materiaes da nação, nem para o seu desenvolvimento colonial.

Mas, desgraçadamente, os melhoramentos foram mesquinhos em face do muito mais que se podia fazer, se os erros e os escandalos de ha largos annos não fossem loucamente agravados pelos de agora, n'uma incontrição de processos que faz esmorecer e n'uma indiferença bizantina que faz mêdo.

Construiram-se mais alguns kilometros de caminhos de ferro, abriram-se mais algumas escolas, melhorou a iniciativa individual alguns ramos da actividade nacional, mas alguns d'estes adiantamentos em proporções minimas, n'uma desesperadora exiguidade em relação ao que falta, e tudo isto tocado pela sombra enorme do que se tem feito errado e mau, tudo isso deprimido pelas questões imensamente graves que era possivel resolver, que era dever remediar, e ficaram de parte, n'uma incomprehensão ou n'um adiamento sem justificação e sem atenuantes.

E' realentador o desenvolvimento das nossas possessões africanas e dia a dia se manifestam ali riquezas naturaes, assombrosas, que uma longuissima inercia e um triste alheamento da nossa tarefa historica tinham deixado desaproveitadas e até desconhecidas. A metropole vivêra absorvida e enredada nas crises e na choldra da politiquice faciosa.

Acordou-se tarde para reatar a tradição quebrada, acordou-se aos empurrões da cubiça estrangeira, a descobrir sertões, que os nossos já tinham descoberto havia trezentos annos, e a denunciar riquezas, que os peoneiros portuguêses haviam revelado seculos antes, mas acordou-se e alguma coisa se tem feito de glorioso e util, que seria iniquidade esquecer.

Pouco ainda e com o perigo possivel da cooperação estrangeira. Não lhe podemos rejeitar o auxilio, não lhe devemos fechar o campo vastissimo onde o seu ouro e os seus interesses podem engrandecer os nossos; mas era preciso vigial-os, contel-os dentro dos nossos direitos, evitar a desnacionalisação d'esse ultimo imperio que nos resta.

E' este mais um problema perigoso que passa para o novo anno com o *deficit* assustador das finanças, com o *deficit* tristissimo das escolas primarias, com a vergonha internacional de quatro milhões de analfabetos, com as crises conjugadas da agricultura e da industria, com o problema atormentador do proletariado, que nem sequer se tentou simplificar!

Tem-se melhorado as condições da defeza do paiz, embora da marinha de guerra esteja ainda n'uma pobreza material desconsoladora; não somos nem para a civilisação nem para a historia a nação amargurada que eramos ha quarenta annos; o nivel intellectual da collectividade subiu talvez, mas o nivel moral, pela austeridade dos costumes e pelas susceptibilidades das consciencias, vae n'um abaixamento assustador!

Não estamos a ver os partidos; estamos a ver o paiz. Nem pertence á indole d'estas chronicas descriminar responsabilidades e, menos ainda, discutir pessoas e agrupamentos politicos.

Cada um que ponha a mão na sua consciencia e retenha no coração, mais ainda que na memoria, para remorso ou para consolo, o bem ou o mal que tem feito ao seu paiz.

Como entra Portugal n'este novo anno? A resposta podia encher as paginas de um volumoso livro e póde resumir-se em poucas dezenas de linhas.

Entra com a sua historia e a sua lingua, agora mais conhecidas e mais justamente apreciadas do que ha um seculo: n'umas condições de politica internacional como ainda não teve, depois que perdeu a sua categoria de grande potencia no mundo, com as aptidões fundamentaes da sua raça a representarem uma grande esperança e com as suas qualidades de coragem e os seus sentimentos de patriotismo a representarem uma força.

E' pelo territorio uma das primeiras entre as nações pequenas, é pela lingua, na expansibilidade que lhe dão o Brazil e a Africa, uma das que ha de tornar-se mais conhecida no mundo commercial, é pela grandeza do seu imperio ultramarino, ainda maior que duas vezes os territorios juntos da Hespanha e da França, uma das maiores potencias, como pela grandeza da sua historia será sempre uma das mais brilhantes nos fastos humanos.

Por tradição, pela uberdade do solo e pela doçura do clima, um paiz de agricultores principalmente, á espera de uma successão de esforços que a tornem uma prospera nação agricola, sem precisar dos productos do solo estrangeiro.

Pelas aptidões de assimilação e de trabalho, um povo, ainda na aprendizagem das grandes industrias, mas a reclamar o impulso de uma iniciativa dirigente e de uma efficaz cooperação, que o levem a encher com os seus artefactos o mercado vastissimo que tem dentro dos limites dos seus dominios africanos e póde encontrar nas vastidões d'uma nação americana, filha da sua aventura épica de marinheiro e da sua obra prima de colonisador.

Pela historia e pelo sangue, com os seus intrepidos marinheiros á espera de uma esquadra e com os seus admiraveis soldados para lhe sustentarem a bandeira, assegurando-lhe a reciprocidade de cooperação dentro de qualquer alliança potente.

Nem absolutamente um desconhecido da grande arte, nem na Europa um hospede obscuro da sciencia e das litteraturas cultas.

Pela situação geographica é o paiz cuja cooperação mais póde convir á paz e aos destinos da Hespanha, como pelos seus portos, pelos seus mares, pelos extensos dominios ultramarinos, é a nação de mais essencial importancia estrategica para a Grã-Bretanha, cuja alliança parece firme e honrosa.

Mas, com estes elementos de vida e estas origens de força, com taes fontes de prosperidade e tamanhas perspectivas de um largo futuro, uma atmosphera partidaria que tudo envenena, uma enxurrada corruptora que tudo alaga; idéaes da nação obscurecidos pelos erros dos dirigentes, o tempo a desbaratar se nas baixas comedias de galopinagem, a alma da patria n'um esmorecimento de receios pelo dia de amanhã, a voragem lodosa dos desperdicios a indicar sinistramente onde tudo isto se póde afogar. Na contingencia de acabar fallida uma nação que, em oito seculos, nenhum poder estranho poude matar.

Faz dó e ainda era tempo de tomar outro caminho. Dá repellões de desespero e de magua, e ainda tudo isso, que é uma grande promessa, uma origem de força, uma affirmação de viva, se podia salvar pela contricção ou pela repulsão, dentro de um movimento resurgidor da alma nacional.

Novo anno! que sejas para nós um anno bom, de honesto resgate e de realentadora emenda.

João Prudencio.

O Mosteiro de Mafra

Interior da egreja

Abrindo com este numero o XXXII volume do Occidente, escolhemos para ilustrar a sua primeira pagina, entre os grandes monumentos nacionaes, o magestoso Paço Monastico de Mafra, destacando delle a vista interior da egreja, que bem se póde considerar um modelo da arquitétura da Renascença, e que foi uma escola de arte, no seculo XVIII, porventura a mais importante, donde sahiu grande numero, senão todos, os artistas mais habilitados na arquitetura, na escultura e na pintura que depois disseminaram suas obras pelo país.

Foi esta, sem duvida, a maior utilidade que derivou da dispendiosa e magnificente obra de D. João V, que quiz rivalisar com o Escurial, e só isto poderá atenuar o capricho daquelle monarca em empregar nella o melhor de vinte mil contos, quando o país precisava de estradas que não tinha, e o porto de Lisboa se encontrava como Deus o criara, não obstante haver já ao tempo um projeto para o construir, e quantas mais obras havia a fazer.

No volume XVI do Occidente a paginas 11 e seguintes, tratou-se largamente deste monumento em que, sob o titulo *Paços Monasticos de Mafra*, o nosso antigo colaborador sr. dr. Alberto Telles, aqui publicou umas cartas do italiano José Baretti, devidamente comentadas.

Apresentando hoje a nossos leitores a vista interior da egreja, a esta nos cingiremos em breves linhas descritivas que a gravura melhor completa.

E' ella a admiração de quantos a visitam, pela grandiosidade e magestoso de seu aspéto, surprendendo nacionaes e estrangeiros, como surprendeu Baretti, Raczynsky, Byron, Beckford e quantos mais, que della se ocuparam em seus escritos.

Bastará citar Raczynski que, na sua obra *Les arts en Portugal*, descreve assim o interior da egreja.

«O retabolo do altar-mór, que representa Santo Antonio adorando a Virgem, pintura do seculo XVIII, é um bélo quadro (de Trevisani); porém o estilo dos baixos-relevos, em marmore branco, que decoram os demais altares, está longe de ser classico. Comtudo a vista interior da egreja fórma um conjuncto harmonioso de proporções e de côres. Tão simples quanto rica apresenta completa unidade: é um modelo de arquitetura. Não se encontra confusão de ideias nem anacronismos, que não os tem; e se o progresso não chegar até lá, ha de ser béla até cahir.»

Os marmores de que é revestida, todos extrahidos de pedreiras do concelho de Cintra, provocaram a Beckford estas palavras: «Nunca observei um conjunto de formosos marmores como o que resplandecia por cima, abaixo e em redor de nós: o pavimento, a abobada, a cupula e até o lanternin do remate são forrados dos mesmos preciosos e duraveis materiaes: rosas e grinaldas de palmas de marmore mui primorosamente lavradas, enriquecem todas as partes do edificio. Nunca vi capiteis corinthios melhor modelados, nem esculpidos com maior precisão e engenho do que os das columnas que sustentam a nave.»

Lord Byron, em cartas a sua mãe referindo-se a este monumento, diz: «A grandeza de Mafra é prodigiosa; compreende um palacio, um convento e uma egreja soberbissima. Os seis orgãos são os mais bélos que temos visto, quanto a decorações. Não os ouvimos tocar, mas disseram-nos que as vozes correspondiam ao esplendor da fórma...»

Nem menos de sessenta e duas estatuas colossaes de finos marmores, vindas algumas de Italia, decoram a fachada, o vestibulo e o interior da egreja.

Fechando a capéla do Santissimo tem uns cancélos enormes, de ferro, com dourados de primorosa execução. O mesmo se póde dizer de uns enormes tocheiros em bronze, tambem com dourados que se vêem no cruzeiro para a capéla-mór.

Finalmente todas as dependencias da egreja não destoam da grandêsa desta, nem da belêsa de suas decorações.

Deve-se, porém, observar que o tamanho da egreja não está em harmonia com a grandiosidade geral de todo o edificio, mas este defeito esplica-se pela razão do projeto ter passado por tres modificações no sentido de se ampliar o edificio, que primeiro era destinado a um numero limitado de monasticos e por fim a uns tresentos, além dos aposentos reaes.

O NOVO MINISTERIO

O ministerio presidido pelo sr. conselheiro Ferreira do Amaral, que tão patriotica quanto desambiciosamente aceitara o encargo de o formar, algumas horas depois da horrivel tragedia de 1 de fevereiro de 1908, no momento em que os conselheiros de estado e os denominados marechaes dos partidos hesitavam e se escusaram a tomar o espinhoso encargo, apresentou, nos ultimos dias de dezembro, a sua demissão a El Rei, motivada pela falta de apoio de uma parte do partido regenerador, fiel ao seu chefe, o sr. conselheiro Julio de Vilhena, que insistia pela sahida do poder dos srs. conselheiros Campos Henriques e Wenceslau de Lima, respétivamente ministros da justiça e dos estrangeiros.

El-Rei aceitou a demissão pedida pelo ilustre presidente do conselho, que assim tão desprendidamente deixava o poder, e consultando o Conselho de Estado, foi este de parecer que devia continuar um governo de concentração.

Neste sentido El-Rei chamou ao paço o sr. conselheiro Veiga Beirão, encarregando-o de formar ministerio, mas as diligencias deste antigo ministro sahiram infrutiferas ao cabo de tres dias empregados em conferencias e consultas com varias entidades politicas, para se desempenhar da honrosa comissão, que por fim foi depôr nas mãos de El-Rei.

Chamou depois El-Rei o sr. conselheiro Antonio de Azevedo e ainda o sr. conselheiro Sebastião Telles, que da mesma fórma não organisaram governo, tendo o primeiro logo declinado o honroso encargo.

Por fim o monarca convidou o sr. Campos Henriques a formar governo, convite a que o antigo ministro da justiça acedeu e, mais feliz que os seus predecessores, conseguiu organisar um novo gabinete, embora composto com parte dos ministros demissionarios, mas presidido por sua ex.ª, que a não ser esta circunstancia, poderiamos chamar antes uma recomposição.

Assim, o novo ministerio, ficou organisado no dia 25 de dezembro, da seguinte fórma:

Conselheiro Arthur Alberto de Campos Henriques, presidente do conselho e ministro do reino; conselheiro D. João de Alarcão, ministro da justiça; conselheiro Manuel Affonso Espregueira, ministro da fazenda; conselheiro General Sebastião Telles, ministro da guerra; conselheiro Antonio Cabral, ministro da marinha e ultramar; conselheiro Wenceslau de Lima, ministro dos estrangeiros e conselheiro D. Luiz de Castro, ministro das obras publicas, comercio, industria, e agricultura.

No actual ministerio fica representado o partido progressista por quatro de seus membros, srs. conselheiros Espregueira, Sebastião Telles, Antonio Cabral e D. João de Alarcão e o partido regenerador pelos srs. conselheiros Campos Henriques, Wenceslau de Lima e D. Luiz de Castro, que tem sido deputado por este partido, mas com certa independencia.

Com respeito aos ministros agora recondusidos do ministerio transato, não repetiremos suas notas biographicas que ainda não ha um anno escrevemos a paginas 30 do XXXI volume desta revista, de 10 de fevereiro de 1908, sendo certo que as circunstancias anormaes que a politica portuguêsa está desde então atravessando, não permitiu ao seu governo decretar medidas reconstituintes da administração do país, aquellas de que elle mais precisa. Não deixaremos comtudo de mencionar o tratado de comercio que o sr. conselheiro Wenceslau de Lima conseguiu realisar com a Alemanha, e que seguramente representa um alto serviço prestado ao país, que tanto poderá lucrar com elle, quanto engrandece e distingue o ministro que o realisou.

Dos srs. conselheiros D. João de Alarcão e Antonio Cabral, tambem o OCCIDENTE publicou suas notas biograficas quando formaram parte da ultima situação progressista que deixou o poder em março de 1906, da qual foi ministro da justiça o primeiro e das obras publicas o segundo.

O sr. D. Luiz de Castro é que pela primeira vez entra nos conselhos da corôa, o que, emfim, já de ha tempos vinha indicado, não só por ser um parlamentar dos mais distintos, como ainda pelos seus importantes trabalhos sobre economia agricola, que revelam aturado estudo e melhor resolução, o que o indicava naturalmente para a pasta que lhe foi agora confiada e sobre a qual pendem graves questões da agricultura portuguêsa que esperam solução.

Oxalá a politica dê ao novo ministro tempo de as resolver, para o que lhe não falta capacidade e boa vontade de ser util ao país.

Notas biograficas podémos recolher as seguintes:

O sr. D. Luiz de Castro, nasceu a 7 de julho de 1868, filho dos srs. condes de Nova Gôa D. Luiz Caetano de Castro Almeida Pimentel de Sequeira e D. Virginia Folque. E' diplomado com o curso de agronomia, de que fez uma brilhante dissertação inaugural sobre *A producção cavalar portuguêsa e o seu melhoramento*, que imprimiu. Actualmente é lente do Instituto de Agronomia e Veterinaria, e a estes estudos se tem dedicado publicando varios trabalhos de que mencionaremos os seguintes: *Plantações definitivas e cultura da vinha*, que apresentou ao primeiro congresso vinicola; *Producção e cultura do trigo em Portugal*; *O Sindicato agricola*; *Rudimentos de agricultura pratica*; *O movimento associativo rural*; *Cronicas agricolas*; *Le Portugal au point de vue agricole*, em que colaborou largamente e cuja publicação dirigiu, destinada á Exposição de Paris de 1900. São numerosas as conferencias que tem feito sobre assuntos de economia agricola, na Real Associação de Agricultura Portuguêsa e noutras, como a que fez, em 1904, no Palacio de Cristal do Porto, a pedido da comissão organisadora da Exposição Agricola ali realisada.

Foi um dos promotores mais entusiastas dos congressos vinicolas reunidos em Lisboa nos annos de 1895 e 1900, e em 1907 foi por sua conta ao grande congresso agricola de Vienna de Austria, onde representou condignamente Portugal.

Ha pouco ainda, esteve em Roma como delegado de Portugal no Instituto Internacional de Agricultura, e no regresso, vindo por Paris, ali fez uma brilhante comunicação á Sociedade Nacional de Agricultura sobre o desenvolvimento do principio associativo em Portugal, assim como sobre o estado financeiro do país, demonstrando com dados estatisticos incontestaveis, o aumento dos rendimentos publicos e melhoria das condições economicas, para o que concorrem a celebração de tratados de comercio, como o ultimamente celebrado com a Alemanha e a lei de sobre taxas aprovada pelo parlamento português, de que o sr. D. Luiz de Castro foi relator, e cujos beneficos resultados já se estão sentindo.

Uma boa parte da imprensa de Paris se referiu a esta comunicação do ilustre professor e deputado português, que assim procurou com fundadas razões levantar nossos creditos lá fóra.

A agricultura portuguêsa, principalmente, recebeu com alvoroço o novo ministro das obras publicas, porque bem sabe quanto elle vale e quanto lhe deve pelos bons oficios que lhe tem prestado, encontrando o sempre na brecha para a defender em todas as suas pretenções justas.

Como testemunho da grande consideração que tem pelo sr. D. Luiz de Castro, os agricultores do Sul, ofereceram-lhe hontem um banquete no Hotel Central, a que concorreram 100 subscritores e em que o novo ministro das obras publicas, comercio e agricultura, foi alvo de vivas demonstrações de simpatia e de apreço em que é tido, muito especialmente, por esta importante classe.

Quem escreve estas linhas ha muito que profetisára ao sr. D. Luiz de Castro o alto cargo publico que foi agora chamado a desempenhar, e se mais não diz das grandes qualidades do novo ministro, é para que não vá o elogio ser tomado á conta da velha amisade que, desde os seus tempos de ainda estudante, lhe vem dedicando.

OS TERREMOTOS DA SICILIA E CALABRIA

O anno de 1908 não quiz terminar o seu percurso no tempo sem deixar bem assinalada sua passagem com um desses cataclismos que, felizmente para a humanidade, só sucedem de seculos em seculos, mas que ficam fundamente gravados no coração das gerações sobreviventes, taes são os terriveis efeitos que produzem.

Ha cento e cincoenta e tres annos sofreu Lisboa um desses cataclismos, como já havia sofrido outros em seculos anteriores e ainda hoje é recordado com horror o terremoto de 1755.

Vinte e oito annos depois, em 1783, sucedia na Sicilia um cataclismo egual que arrasou a Messina e Reggio e de envolta com estas, mais trezentas e vinte cidades e aldeias, das trezentas e setenta e cinco que então existiam, ficando as que escaparam muito arruinadas.

Reconstruiu-se a Sicilia, como se reconstruiu Lisboa.

Sicilia, a antiga *Sinacia* ou *Trinacia*, a maior das ilhas do Mediterraneo ao sul da Italia e hoje formando parte do reino italiano, surgiu das ruinas tanto ou mais grandiosa do que fôra, e, principalmente Messina levantou se uma cidade explendida em seus edificios, devidamente fortificada para defeza do seu estreito que a separa do continente da Italia.

A ilha é em forma triangular, cujos vertices são os cabos Boco, a oeste, o Passaro, a sueste, e o Faro, a nordeste. Compõe-se de seis provincias: Catania, Messina, Girgente, Syracusa, Trapani e Palermo, que é a capital.

O solo da Sicilia, de natureza vulcanica, é montanhoso e a pouca distancia da costa segue uma cordilheira de montanhas denominadas Neptunianas que se devide em montes Pelose e Este e montes Nerodes a Oeste. O seu clima é muito temperado e o solo tão fertelissimo, que os antigos a consideravam o celeiro de Roma.

Vizinha dos dois grandes vulcões, Etena e Stromboli, tem sido em todos os tempos sujeita a grandes convulsões do seu solo, registrando-se, principalmente, as dos annos de 1754, 1766, 1771, 1780, 1783, 1792, 1809, 1812, 1865 e ainda em 1905, que o OCCIDENTE registrou no volume daquelle anno.

O terremoto agora sucedido não foi acaso inferior ao de 1783, e uma testemunha presencial, o comandante Mariensen, que em a noite de 27 de dezembro entrou no porto de Messina com o vapor dinamarquês *Broberg*, conta como principiou a horrorosa catastrofe:

«Cerca da meia noite estava terminado todo o trabalho a bordo. O tempo era bom e no porto não havia a menor resaca.

«Dormia eu ha algumas horas, quando um brusco estremecimento do navio me lançou abaixo da cama. E' claro que naquelle primeiro momento não pude sequer idealisar o que se passava em volta de mim; sei apenas que olhei maquinalmente para o relogio, que acusava cinco horas e trinta e dois minutos da manhã.

«Como ao primeiro abalo se seguissem outros mais fortes ainda, que faziam baloiçar fortemente o meu navio, vesti-me á pressa e subi á ponte.

«Quando ali cheguei nada pude, a principio, distinguir. A atmosfera era opaca, asfixiante, em consequencia de uma fina poeira espalhada no ar. Só consegui andar ás apalpadelas.

«Chamei a minha gente e aquelles que responderam ao meu appelo, não podiam distinguir-me por causa da poeira que cada vez se tornava mais densa, formando grossas nuvens.

«Os estremecimentos continuavam; dir-se-ia que sob nós se davam explosões submarinas. O mar tinha subitamente engrossado e enormes vagas se quebravam de encontro á prôa do *Broberg*. Por fim, depois dalguns instantes que me pareceram extraordinariamente longos, pude então certificar-me do que se passava.

«Olhando para Messina, vi a cidade em chammas e a maior parte das casas destruidas pelos tremores de terra. Os caes, essas soberbas obras de arte, estavam em ruinas.

«Por toda a parte se via gente a correr, a despeito do perigo que ofereciam as casas em constantes desmoronamentos. De terra, chegava aos nossos ouvidos um lugubre rumor de queixumes, suplicas e imprecações.

«O meu navio não corria perigo, porque as ancoras tinham fortemente resistido aos abalos.

«Quando raiou a aurora, podemos então vêr toda a grandiosidade do cataclismo. A cidade tinha desapparecido e os edificios que haviam resistido ao terremoto eram devorados pelo fogo.

«Durante todo o dia de segunda-feira, homens, mulheres e creanças, vieram pedir-me asilo. Embaqruei cento e onze infelizes, alguns dos quaes gravemente feridos. Recebi-os e trateios o melhor que pude.

«Infelizmente, porém, os meus meios de socorro eram muito restritos e no dia seguinte fiz-me com rumo á Catania, desembarcando ali os fugitivos e vindo depois para Alger.»

Esta simples descripção dispensa-nos de aqui repetirmos o que a impressa diaria todos os dias vem publicando em telegramas, que horrorisam pelas cenas lancinantes que dizem ter-se ali passado, e que demais sensibilisam o publico, para que novamente as vamos descrever.

Bastará saber que o numero de vitimas se eleva a 165:000, conforme o que até agora está apurado, e de 65 o de povoações arrazadas. Entretanto, em cada dia vão chegando noticias que ora aumentam ora deminuem estes numeros, com o aparecimento de pessoas que se julgava terem morrido.

O NOVO MINISTERIO

Manuel Affonso Espregueira
Ministro da Fazenda

Campos Henriques
Presidente do Conselho e ministro do Reino

General Sebastião Telles
Ministro da Guerra

Wenceslau de Lima
Ministro dos Estrangeiros

D. João de Alarcão
Ministro da Justiça

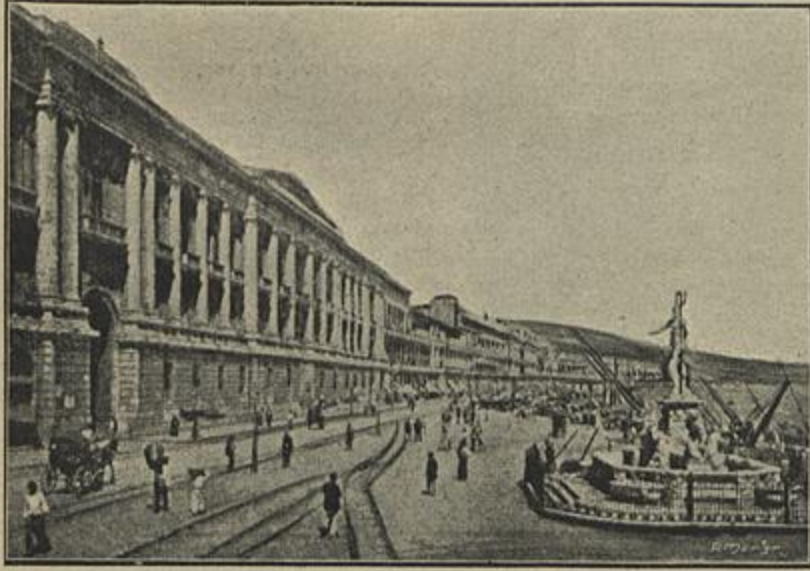
Antonio Cabral
Ministro da Marinha

D. Luiz de Castro
Ministro das Obras Publicas

Os Terremotos da Sicilia e Calabria

O PORTO DE CATANIA ONDE O MAR SE LEVANTOU INVADINDO A CIDADE

Os Terremotos da Sicilia e Calabria

Reggio da Calabria, destruido pelo terramoto

MESSINA — Corso Victor Emmanuel e estatua de Neptuno — Via Garibaldi e porta Marina

VISTA GERAL DE MESSINA, QUE FICOU ARRASADA PELO TERREMOTO DE 28 DE DEZEMBRO
(De fotografias)

O horrivel cataclismo foi registrado pelo observatorio de Coimbra no seu sismografo Milne de um modo muito preciso, como o comunicou o seu diretor sr. dr. Santos Viegas, nos seguintes termos:

«Desde as sete horas da noite de 27 de dezembro a haste pendular do sismografo mostrou se inquieta, tornando-se essas pequenas perturbações mais frequentes nas primeiras quatro horas do dia 28, a partir da meia noite. Nada porém de extraordinario denotavam esses pequenos movimentos, que aliás são frequentes áquellas horas, e cuja origem não é bem conhecida. A's quatro horas e vinte e cinco minutos da madrugada (tempo médio de Greenwich) manifestou-se subitamente o primeiro abalo forte, cuja semiamplitude se elevou em poucos segundos a seis millimetros, correspondentes a uma inclinação de 1″,56. Este primeiro abalo foi logo seguido de outros, a intervallos de um a dois minutos, dos quaes o mais forte se produziu ás quatro horas e trinta e um minutos, com semiamplitude de dezeseis milimetros (inclinação de 4″,16). A esta ondulação maxima seguiram se mais algumas de consideravel semiamplitude — sete a nove milmetros (1″,82 a 2″,34). A's quatro horas e quarenta minutos terminou esta fase violenta do fenomeno, que veio a durar ao todo quinze minutos, dos quaes podem attribuir-se quatro minutos aos dois primeiros abalos, considerados como precursores, e dez a onze minutos nos restantes, que constituem o paroxismo da perturbação.

E' durante este periodo que devem ter se produzido os maiores estragos na região assolada, proximo do epicentro. A's inclinações de alguns segundos, observadas em Coimbra, corresponderam decerto na origem inclinações muito maiores, sufficientes para alluir e derrubar os edificios, e para produzir o desnivelamento subito das aguas do mar, que invadindo as costas completaram a obra de destruição, do mesmo modo que succedeu em Lisboa no memoravel anno de 1755.

A'quella fase seguiram-se ainda seis a sete abalos de amplitude descrecente, podendo considerar-se terminado o tremor de terra ás cinco horas e vinte minutos da manhã. Depois disso o sismografo continuou inquieto durante algumas horas, e só veio a socegar pelas dez horas da manhã.»

Os abalos de terra, porém, tem-se sucedido em dias subcequentes, embora muito menores e mais espaçados, derruindo, entretanto, os restos de mais alguns edificios que ainda se conservavam de pé, e fazendo fugir as pessoas que ainda por ali se conservavam, umas em procura de outras que lhe eram queridas, ou socorrendo as feridas ou semi-mortas que arrancavam dentre os escombros.

Além de Messina, completamente destruida, conta-se Reggio de Calabria, onde ocorrera um terremoto em 1905 e que ficou agora transformada em ruinas. Catanea foi invadida pelo mar que lhe arrasou a parte marginal, salvando comtudo o melhor de seus edificios mais importantes e que ficam mais para o interior da cidade.

Entre as povoações que mais sofreram na Calabria, além de Reggio, nota-se Bagnara, Palmi, Vila-San-Giovanni, Scilla, Cannitello e outras.

As gravuras que acompanham esta noticia representam as principaes cidades, antes de destruidas pelo terremoto. No proximo numero apresentaremos a nossos leitores a reprodução de varias fotografias das ruinas, o que não fazemos neste, por não terem chegado a tempo. Então nos referiremos aos socorros que tem sido prestados ás vitimas sobreviventes, e que de toda a parte tem acudido, sendo a França a nação que primeiro ali mandou dois couraçados e dois contra torpedeiros da esquadra do Mediterraneo, com os primeiros soccorros.

QUADROS DE HESPANHA

I

A Rosa de Granada

Ás minhas primas Carmen y Maria

Vicente, *El Moreno*, o bandido que era senhor de meia serra, no mais formoso Eden de Andaluzia, era tambem o dono do coração mais bello, e dos olhos mais bonitos que Granada viu nascer, n'um dia de sol morno; como só os ha n'essa região, da vida e dos prazeres. Ella, era cigarreira, tinha passado por Sevilla, ouvira os queixumes do Guardialquivir, os soluços da Giralda e os cantares de Triana: quando passava pela rua, os homens arrojavam os chapeus e diziam: *Olé! bendita sea tu alma*, e ella, sorrindo, dizia alegremente: *gracias!*

O sol quente andaluz, produzira nesse corpo onde reinava a ternura e a alegria, o amor; o amor ardente e querido que leva até ao fim do mundo, o querer tão forte como só ellas são capazes de o sentir, e do fazer sentir.

El Moreno, cognome porque era mais conhecido, era um rapaz forte, alto, alegre, vestindo rigorosamente á andaluza e dominador da Serra Nevada até, os baixos do rio Genil. A sua vida de bandoleiro, era uma vida de aventuras, talqual lh'a pedia o seu temperamento ardente.

Os paes, eram uns honestos lavradores que tinham vivido nas margens do rio Darro e que um dia, foram expulsos das suas terras, porque um lavrador rico, assim o capricháre. Mas os velhinhos, fóra do seu logarejo, falleceram cheios de desgostos e o rapaz, já meio homem, lançou se á vida aventurosa dos montes e dos cerros escarpados. Nunca matou ninguem, nunca roubou o pão dos pobres, seguia uma maxima que sua mãe lhe ensinára quando era pequenino. Mas... ai! d'aquelle lavrador rico, ou pessoa de fortuna que passasse alli; sem força, teria que depôr tres terças partes dos seus haveres, se não... A caridade, era apanagio do seu coração, ao seu lado, ninguem tinha fome, sêde ou frio, porque metade do seu alimento, metade da sua agua, e metade da sua rica manta andaluza, dava a do melhor agrado.

Os seus amores com Maria, a *Rosa de Granada*, nasceram n'um baile, dado debaixo d'um céu recamado de estrellas, á luz da lua, do rasgueio das bandurras e do bater alegre das castanholas. *El Moreno*, descera do alto da serra até ao baile campestre, e á sua chegada houve um ah! de receio e sobresalto. A musica, cessou de tocar, os pares olharam-se desconfiados, ás gargantas emmudeceram e, por momentos, reinou um silencio profundo!

E uma voz andaluza e viva disse: «A minha chegada, não deve perturbar a festa, pelo contrario, aqui, tem de reinar a paz e a alegria; comecemos de novo»; e as guitarras, gemeram de novo nos bordões, e elle, dirigindo-se a Maria, disse-lhe: «A rosa mais formosa de Granada, quer ser meu par?

E, Maria, com um sorriso novo nos seus olhos negros, pronunciou n'um tom dôce: *con todo el gusto*, e arrojando se nos braços herculeos do bandoleiro da Serra, desappareceu no remoinhar das voltas, emquanto a musica alegre, tocava uma *habanera*.

Terminada a musica, bebeu-se *manzanilla*, arderam os *puros* e os pares estiveram de *palique* (1); foi curto esse coloquio, porque as guitarras fizeram ouvir em pouco um *bolero* alegre e provocante, que arrastou os pares de novo para a dança.

Depois, os pares foram de novo sentar-se e *El Moreno*, sentou se ao lado esquerdo de Maria.

Por momentos, cessou o riso alegre das mulheres e as gargalhadas dos homens, e toda aquella gente se deixou ficar no mais completo silencio. Só o guitarrista se ouvia afinando os bordões.

Os sôns, foram pouco a pouco conjugando-se, e passando os dedos pelas cordas todas, disse: «pronto, cante quem queira»; e um rapazote baixo respondeu: «pois ahi váe»:

«Por un besito, ni dos,
«ni tres, ni quatro, ni ciento
«la mujer no pierde nada
«y el hombre queda contento.»

— Olé! respondeu d'um grupo alegre e boliçoso, e seguidamente soaram otras vozes applaudindo o canto do rapaz.

E, uma rapariga sevilhena, respondeu:

«Si tubieras olivares
«como tienes fantasia,
«el rio mayor de España
«por tu puerta pasaria.»

As raparigas riram da ironia da copla, e os homens olharam-se entre si.

Foi então que Vicente, *El Moreno*, disse: «Agora, se me dão licença, canto eu.» Todos applaudiram affirmativamente e levantando-se, pediu a guitarra.

Fez-se um silencio profundo. Parecia que todos aquelles corações tinham desapparecido, ou ficado mudos.

Foi então que a guitarra se fez ouvir, n'uma malaguenha idéal acompanhada pelos seguintes cantares:

«Tus labios son cual clavel
«por las abejas picado
«y tus hojos como el sol
«cuando está medio nublado.»

Seguiu tocando e olhando para o idolo do seu amor, mordeu nervosamente os beiços e continuou:

«Yo me muero... y no se como,
«mi dolor es... no se qué,
«yo sanaré... bien sé cuando
«si me cura... quiem yo sé.»

E o éco ia perder-se lá longe na serrania, como uma *guajira* sentida d'um presidiario. E antes que alguem dissesse que morria pelo cantador, elle novamente pediu silencio e a sua garganta suplicou ao coração de Maria:

«A la mar van á parar,
«Maria, todo los rios
«y alli se van á juntar
«tus amores con los mios.»

E antes que elle terminasse, ella, não podendo já com a chama que a devorava, cantou uma copla ardente, onde ia decerto um coração enamorado e que dizia assim:

«Moreno pintan á Christo,
«moreno á la Magdalena,
«moreno es el bien que adoro.
«¡Viva la gente morena!»

As palmas soaram alegremente, os ditos baixinhos diziam *secretos*, que todos adivinhavam, os *olés*, succederam se, os encomios á cantadora, foram intensos, e o *Moreno*, o *Bandoleiro*, com os olhos brilhantes, e um sorriso esperançoso nos labios, pediu silencio, para cantar pela ultima vês, porque os alvores da madrugada depressa chegariam, e fazendo gemer as cordas da guitarra, cantou:

«Como soy contrabandista
«y dia no te poedo ver,
«mira tu si seran negras
«las horas de mi querer!»

As gargantas emmudeceram opprimidas por uma dôr que as torturava, e os olhares, foram todos para o rosto de Maria, que ficou com o coração mais pequenino *que una chinita*. Vicente, entregou a guitarra, fumou um cigarro e d'ahi a instantes, despediu-se amavelmente de todos. Quando chegou a vês a Maria, fallou-lhe baixinho ao ouvido, beijou-lhe a mão, os seus olhos fallaram-se com amôr e carinho, montou no seu cavallo arabe ornado com bom gosto e riqueza, desapparecendo pela estrada branca de *Lanjarón*, cantando, ao trote do seu cavallo, uma *guajira* sentida.

«Mas no llores, vida mia,
«que tu llanto me entristece,
«que cuando lloras parece
«que la clara luz del dia
«se vuelve noche sombria,
«que se cubre el horizonte
«de nieblas, y que en el monte
«en vez de canto sonoro
«á saudales vierten lloro
«los tupiales y el sinsonte.»

Maria, levou o lenço aos olhos para suster as lagrimas e os soluços, e com a sahida do *Bandoleiro*, deu-se por terminada a festa. Os grupos foram-se affastando. Maria veio para Granada n'um carro com mais vesinhos e as tintas do céu, foram pouco a pouco deluindo-se. As estrellas sumiam-se, Apollo, annunciava a sua entrada de triumpho e para os lados da Serra Nevada vinha rompendo o dia.

(Continúa.)

VENTURA LEDESMA ABRANTES.

(1) De namoro.

Grande Hotel Duas Nações

Em cada dia, Lisboa, vae se não só embelesando com suas novas e amplas avenidas, por onde se levantam magnificas construcções modernas de caprichosa arquitetura, como ainda a propria baixa, essa parte da cidade de edificações pombalinas, severas e uniformes, se transforma e vae tomando nova feição, com grandiosos estabelecimentos que a vão pondo a par das grandes capitaes da Europa.

Em o numero destes póde contar-se o Grande Hotel Duas Nações, recentemente inaugurado, em casa apropriada, no grande predio da rua da Victoria, que ocupa o quarteirão entre a rua Augusta e a dos Correeiros, predio que foi completamente transformado para se aplicar ao antigo Grande Hotel Duas Nações, pertencente ao sr. José Marques, que o fez passar por uma transformação radical, seguindo todas as indicações modernas adótadas neste genero de estabelecimentos, e ainda aquellas que a sua longa pratica lhe tem feito conhecer, para comodidade, conforto e goso de seus hospedes, não esquecendo a parte higienica em todas as suas instalações e serviços, como os hoteis das grandes cidades, e de que Lisboa estava sentindo a falta.

E' o que podémos observar na visita que fizemos ao Grande Hotel Duas Nações, a convite do seu proprietario, o sr. José Marques, que nos acompanhou nessa visita percorrendo todo o grande edificio.

O Grande Hotel Duas Nações ocupa cinco pavimentos, servidos por um elevador elétrico, o que facilita o acesso a todos os andares, sem ser preciso subir escadas. Todos os compartimentos do hotel são iluminados a luz elétrica e os sobrados forrados a corticite, o que lhe dá grande conforto.

VISTA EXTERIOR DO GRANDE HOTEL DUAS NAÇÕES

Na rua Augusta e rua da Victoria

A vastidão deste hotel permite hospedar ao mesmo tempo cento e cincoenta ou mais pessoas, para o que tem 58 quartos, todos com janela, condição higienica a que satisfaz perfeitamente. Casas de banhos frios, quentes e de chuva, etc.

Vasta sala para visitas, sala de piano e sala de leitura, e todas mobiladas com extrema elegancia e ao mesmo tempo simplicidade, afim de que não haja acumulação de poeiras — e quem diz poeiras diz microbios — o inimigo que tão descuidadamente se deixa viver em muitas habitações entre os estofos, cortinados e outras decorações pelas paredes.

A grande sala de jantar comporta 80 pessoas, servidas em pequenas mesas, á francêsa, havendo almoço que é servido das 10 horas da manhan á 1 hora da tarde, e jantar das 5 ás 8 horas da noite, sendo a cosinha á francêsa e á portuguêsa, conforme os hospedes preferem.

Todo o mobiliario, extremamente elegante, foi feito expressamente na Marcenaria 1.º de Dezembro e honra a industria nacional.

A situação do Grande Hotel Duas Nações é das mais comodas para seus hospedes, no centro da cidade baixa, proximo das casas de espétaculos, das estações dos caminhos de ferro, dos bancos, das repartições publicas, dos tribunaes, de todos os primeiros estabelecimentos de comercio emfim, em que haja a tratar negocios, etc.

Para maior comodidade ainda, o proprietario sr. José Marques, estabeleceu um serviço de carruagens e de automoveis que facilita qualquer passeio a seus hospedes.

Tem ainda empregados habilitados a tratarem dos serviços de caminho de ferro, e que falam as linguas estrangeiras.

Tem telefone, tanto para a rêde geral como para o serviço interno do hotel.

Emfim, tudo foi previsto pelo incançavel proprietario, para que o Grande Hotel Duas Nações ficasse um estabelecimento a par dos melhores lá de fóra, e que os estrangeiros que venham nelle hospedar se, não sintam a menor falta.

Atendendo á parte economica devemos ainda dizer, que a diaria para os hospedes póde regular desde 1$300 a 2$500 réis por pessoa.

Folgamos de poder annunciar a nossos leitores um tão importante melhoramento na nossa capital, devido á arrojada iniciativa do sr. José Marques, que assim abre tão bom exemplo para ser seguido.

Vê-se que não tem sido inutil o apelo que a Sociedade Propaganda de Portugal fez á industria de hospedagem no país, o qual vae produzindo os seus efeitos, pois é certo que principia a notar-se o desenvolvimento dessa industria, que, infelismente, até ha pouco era entre nós pouco mais que rudimentar.

A industria de hospedagem é hoje muito complexa em todo o mundo civilisado, e os que viajam pelo estrangeiro conhecem as grandes comodidades que encontram não só nos grandes hoteis onde se pagam elevadas diarias, mas até nos estabelecimentos de segunda e terceira ordem onde as pagas são mais modestas, sem que por isso deixem de haver as comodidades e a higiene indispensaveis ao bem estar dos seus hospedes.

As pessoas que conhecem esses hoteis, onde tanta vez se terão hospedado, melhor poderão avaliar o grande progresso que representa hoje em Lisboa o Grande Hotel Duas Nações, que rivalisa com os seus congeneres estrangeiros.

O sr. José Marques indo, por assim dizer, na vanguarda da transformação por que tem de passar os estabelecimentos de hospedagem em nosso país, abre caminho com o seu Grande Hotel Duas Nações que, não obstante ser um dos mais antigos desta capital e dos mais acreditados, não se deixou o seu proprietario ficar indiferente ao grande movimento que principia a iniciar-se nesta industria e antes quer ser dos primeiros a realisar essa justa aspiração da Lisboa moderna, embora para isso tivesse de empregar um capital importante. Os hospedes do Grande Hotel Duas Nações, encontram nelle, alem de um pessoal, bem educado, a extrema delicadesa e probidade do seu proprietario, sr. José Marques.

A SALA DE JANTAR DO GRANDE HOTEL DUAS NAÇÕES

O Concurso de Pobresa do «Diario de Noticias»

Um aspecto da Grande Sala onde é feita a distribuição de generos aos pobres protegidos do «Diario de Noticias»

Na historia da assistencia publica apraz-nos registrar um facto, que vem de longa data, qual é o da *Caixa de Esmolas* que o *Diario de Noticias* estabeleceu, quasi da sua fundação em 1864.

Se no principio pouca importancia teve, não tardou que se fosse desenvolvendo, tanto como o *Diario de Noticias* se ia popularisando.

A distribuição de esmolas foi quasi tornando-se permanente, porque muitos eram os bemfeitores que, por intermedio do *Diario de Noticias*, mandavam seu obolo para os pobres. Pelo Natal e pela Pascoa, em que principiou a fazer apêlo especial á caridade publica, as esmolas aumentaram consideravelmente, e uma estatistica que obtemos diz nos que a *Caixa de Esmolas* do *Diario de Noticias* distribuiu aos pobres de Lisboa no quinquenio de 1904 a 1908 a soma de réis, 13:538$990.

Mas ainda não é tudo. No intuito de alargar sua acção beneficente, abriu o *Diario de Noticias*, desde 1906, um *Concurso de Pobresa*, de fórma pratica para quem dá e para quem recebe, a que todos pódem concorrer com generos, roupas ou outros quaesquer objectos convertiveis a dinheiro, em beneficio dos pobres. E' assim que no *Concurso de Pobrêsa* de 1906 distribuio 438 lotes de generos a outros tantos pobres, representando cada lote o valor approximado de 800 réis; de 1907, 392 lotes e 360 no de 1908.